

OS GRUPOS DE PESQUISA DE GRAMSCI NO CENTRO-OESTE: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ESTUDOS E PESQUISAS

*Gramsci's research groups in the Midwest: aspects of theoretical-
methodological studies and research*

*Los grupos de investigación de Gramsci en el medio oeste: aspectos teórico-
metodológicos de los estudios e investigaciones*

Kátia Curado Silva¹

Leonardo Bezerra do Carmo²

Matheus Daltoé Assis³

RESUMO:

Este ensaio tem como objetivo apresentar uma análise da reunião dos grupos de pesquisa do Centro-Oeste que tem como referência a obra de Gramsci. A metodologia utilizada é um estudo documental a partir do levantamento realizado pela *International Gramsci Society* - Brasil (IGS-Brasil) sobre os grupos de pesquisa no Brasil e o relato das atividades de estudo e pesquisa. Elegeu-se, como categoria de unidade, a questão da tradutibilidade vinculada à análise das postulações teórico-conceituais no que diz respeito ao tema educação e política. Procuramos apresentar, qualitativamente, a intensidade do pensamento de Gramsci relativamente às questões filosóficas para a formação de intelectuais da classe subalterna, tendo os grupos de pesquisa como um dos espaços com possibilidade da formação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: IGS-Brasil. Grupos de pesquisa. Tradutibilidade.

ABSTRACT:

The aim of this essay is to present an analysis of the meeting of research groups in the Midwest of Brazil, based on Gramsci's work. The methodology used is a documentary study based on the survey carried out by the *International Gramsci Society* - Brasil (IGS-Brasil) on research groups in Brazil and the report on study and research activities. As a unit category, the question of translatability was chosen, linked to the analysis of theoretical-conceptual postulations on the subject of education and politics. We aim to present, qualitatively, the intensity of Gramsci's thinking on philosophical issues for the formation of intellectuals of the subaltern class, with research groups as one of the spaces with the possibility of cultural formation.

KEYWORDS: IGS-Brasil. Research groups. Translatability.

RESUMÉN:

El objetivo de este ensayo es presentar un análisis del encuentro de grupos de investigación en el medio oeste del país, a partir de la obra de Gramsci. La metodología utilizada es un estudio documental basado en la encuesta realizada por la *International Gramsci Society* - Brasil (IGS-Brasil) sobre los grupos de investigación en Brasil y el informe sobre las actividades de estudio e investigación. Como categoría unitaria, se eligió la cuestión de la traducibilidad, vinculada al análisis de las postulaciones teórico-conceptuales sobre el tema educación y política. Buscamos presentar, cualitativamente, la intensidad del pensamiento de Gramsci sobre cuestiones filosóficas para la formación de intelectuales de la clase subalterna, con los grupos de investigación como uno de los espacios con posibilidad de formación cultural.

PALABRAS CLAVE: IGS-Brasil. Grupos de investigación. Traducibilidad.

INTRODUÇÃO

No dia 27 de maio de 2024, a *International Gramsci Society - Brasil* (IGS-Brasil) completa nove anos de sua fundação. Nascida em meio a uma profunda crise nas instâncias políticas e ao avanço do neoliberalismo sobre os direitos do proletariado nacional, a IGS-Brasil se propõe a integrar estudiosos de Gramsci e contribuir para o debate sobre a conjuntura nacional e internacional, além de fortalecer o processo de organização das classes subalternas.

Ao longo de sua trajetória, a IGS-Brasil se consolidou como um espaço de referência para o estudo e o debate do pensamento gramsciano no Brasil. Por meio de encontros, seminários, congressos e outras atividades, a sociedade promove a reflexão crítica sobre os temas que marcaram a obra de Gramsci.

Com o objetivo de ampliar ainda mais sua atuação, a IGS-Brasil intensificou, nos últimos anos, sua capilarização nos diversos estados brasileiros. Aproximando-se dos mais de 70 grupos de pesquisa que se autorreferenciam em Gramsci, a IGS visa fortalecer a produção acadêmica e fomentar o debate regional sobre o pensamento gramsciano.

Reafirmando seu compromisso com a divulgação da vida, obra e do pensamento de Antonio Gramsci no Brasil, a IGS-Brasil promoveu, com a expansão dos encontros regionais, um marco institucional. Esse marco possibilitou que indivíduos e grupos de pesquisa interessados nos estudos gramscianos realizassem o intercâmbio de informações relacionadas às suas pesquisas, projetos, perspectivas analíticas e atividades em geral, dentro do universo do pensamento do marxista sardo.

No caminho dos desdobramentos dessa expansão do debate acerca das teorias gramscianas, o I Encontro Virtual Regional Centro-Oeste da IGS-Brasil apresentou, além de uma profícua discussão quanto à articulação dos movimentos nacionais com os regionais e das categorias de Hegemonia e Intelectuais, as possibilidades de mediação entre os grupos de pesquisa referenciados em Gramsci situados nos espaços acadêmicos dos estados do Centro-Oeste brasileiro.

No primeiro espaço do Encontro, houve a apresentação da presidenta da IGS-Brasil a professora Dra. Anita Helena Schlesener, durante a qual, de início, foi abordada a questão da tradução integral dos Cadernos do Cárcere empreendida pela IGS-Brasil e, na sequência, foi arguida a necessidade de ler Gramsci a partir da conjuntura brasileira e latino-americana, com o objetivo de se realizar uma tradução - em sentido gramsciano - dos conceitos de hegemonia e de intelectuais, conceitos que figuram enquanto temática central da exposição.

O segundo espaço caracterizou-se pelo diálogo a partir das experiências de três grupos autorreferenciados em Gramsci que desenvolvem suas atividades na região Centro-Oeste, quais sejam, o GEPFAPE, coordenado e representado pela Prof^a Dr^a Kátia Curado (UnB); o grupo Ler Gramsci, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Margarida Machado (UFG) e representado pela Prof^a Dr^a Leila Maria e, por fim, o GForP - Grupo de Estudos em Formação de Professores da UFMS/CPTL, liderado pelo Prof^o Dr^o Paulo Fioravante (UFMS) e representado por Matheus Daltoé Assis (Unesp/Marília; UFMS).

Este texto visa apresentar um breve levantamento dos grupos de pesquisa participantes do evento, seus objetivos, investigações e seu papel nas possibilidades de avançar os estudos gramscianos com e para os grupos subalternos na formação de intelectuais.

A PRESENÇA DOS GRUPOS DE PESQUISA REFERENCIADOS EM GRAMSCI NO CENTRO-OESTE

O encontro com os grupos de pesquisa que se referenciam em Gramsci se tornou um primeiro movimento, calçado na necessidade de aproximar as articulações intelectuais dos cantos mais afastados do Centro-Oeste brasileiro, que a IGS-Brasil realizou com o propósito de expansão do debate acerca das teorias gramscianas. Para concretizar esse encontro, foi necessário um levantamento acerca de onde estavam e de quem representava, como indivíduos e coletivos, esses grupos de pesquisa.

O grupo de trabalho que organizou esse encontro baseou-se no levantamento já realizado pela IGS-Brasil e que destacou a presença dos seguintes grupos de pesquisa nos estados brasileiros da região Centro-Oeste.

Quadro 01 - Grupos de Pesquisa e estudos gramscianos no Centro-Oeste

Centro-Oeste		
Grupo	Área/Sub-área	Instituição/Estado
Distrito Federal		
Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios a partir da Filosofia da práxis Gramsciana	Ciências Humanas/Educação	IESB (Instituto de Educação Superior de Brasília)/DF
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPe)	Ciências Humanas/Educação	UnB/DF
Núcleo de Estudos sobre Pensamento Italiano (NESPI/CEAM)	Ciências Sociais Aplicadas/Relações Internacionais	CEAM (Centro Avançados de Estudos Interdisciplinares) UnB/DF
Goiás		
Grupo de Pesquisa Capitalismo e História:	Ciências Humanas/História	UEG/GO

Instituições, Cultura e Classes Sociais		
Grupo: Ler Gramsci	Ciências Humanas/Educação	UFG/GO
Núcleo de Estudos Educação, Sociedade e Subjetividade - NES	Ciências Humanas/Educação	UFG/GO
Mato Grosso do Sul		
Grupo de Estudos Antonio Gramsci - GEA	Ciências Humanas/Ciência Política	UFGD/MS
Grupo de Estudos e Pesquisas Antonio Gramsci - GEP-GRAMSCI	Ciências Humanas/Filosofia	UFMS/MS
Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE)	Ciências Humanas/Educação	UFMS/MS
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço, Política e Ideologias - G-ESPI	Ciências Humanas/Geografia	UFMS/MS

Fonte: IGS-Brasil

Com levantamento regional dos grupos, foi elaborado e enviado um questionário com o intuito de aproximação e construção de pontes para a realização de um encontro regional de grupos de pesquisa. Após o envio do questionário com 14 questões, obtivemos respostas de apenas 5 grupos de pesquisa, a saber: o *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPe)* da Universidade de Brasília; o *Grupo De Pesquisa Justiça E Filosofia Política (GPJFP)* do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB); o *Núcleo de Estudos Educação, Sociedade e Subjetividade – NES*; o grupo *Ler Gramsci*, ambos da Universidade Federal de Goiás e, por fim, o *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço, Política e Ideologias (G-ESPI)*, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Entretanto, apenas 3 grupos participaram do encontro regional do Centro-Oeste: o *GEPFAPe*, o *Ler Gramsci* e o *GForP - Grupo de Estudos em Formação de Professores da UFMS/CPTL*, que, inaugurando um estudo coletivo sobre a obra de Gramsci, com foco no contato com os professores da educação básica, decidiu participar do evento.

O grupo *Ler Gramsci* possui como coordenadora a Prof^a Dr^a Maria Margarida

Machado (UFG) e nasce da proposição de estudos dos textos de Gramsci na Universidade Federal de Goiás, na cidade de Goiânia. Representado no evento pela Prof^a Dr^a Leila Maria, o grupo inicia as atividades em 2020 e, em meio a uma pandemia global, encara de maneira virtual as leituras e debates dos textos do autor sardo. O grupo apresenta uma linha de estudos de Gramsci vinculado à situação sociopolítica-histórica de nosso país, principalmente após 2016 no golpe político-partidário-midiático perpetrado contra a então presidenta Dilma Rousseff.

Representando o *GForP - Grupo de Estudos em Formação de Professores da UFMS-CPLT*, liderado pelo Prof^o Dr^o Paulo Fioravante Giareta (UFMS/CPTL), esteve presente Matheus Daltoé Assis (Unesp/Marília; UFMS/CPTL), bacharel em Direito (UFMS/CPTL) e participante do grupo. Desde 2018 o grupo estuda a Pedagogia Universitária, as Políticas de Formação de Professores, Didática e Educação Básica, contudo apresentou, nos últimos anos, um interesse maior nos estudos dos textos gramscianos, principalmente para análise das questões relacionadas à Base Nacional Comum Curricular e ao conceito de hegemonia.

O terceiro grupo participante, o *GEPFAPE*, foi representado pela Prof^a Dr^a Kátia Curado (UnB), uma das coordenadoras do grupo que também é coordenado pelas professoras Natalia Cassetari, Shirleide Cruz e Ana Sheila Fernandes. O grupo centra suas pesquisas a partir de uma abordagem do campo de formação de professores sobre essa lente que tem estudado Gramsci, especialmente no que tange aos conceitos de intelectual, de política, de Estado Integral e hegemonia.

A dinâmica do encontro com os grupos mencionados se deu de modo que os representantes de seus respectivos grupos pudessem expor sobre sua história e a forma com qual estavam desenvolvendo seus trabalhos.

No primeiro momento, representado o grupo *Ler Gramsci*, a Prof^a Dr^a Leila Maria expõe que as atividades do grupo derivaram da discussão promovida durante a disciplina da *Ler Gramsci: para pensar a política e a educação (2017)*, da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, ministrada pela Prof^a Dr^a Maria Margarida Machado. O programa de trabalho do grupo partiu de uma perspectiva distinta das comumente empregadas para introdução de Gramsci, realizando a leitura coletiva dos *Escritos políticos* e das *Cartas do Cárcere*, o que pôde aproximar os pesquisadores não somente à obra de Gramsci, mas à sua vida. Dessa experiência, além do aprofundamento promovido pelas discussões, foi publicado livro homônimo com vistas a divulgar a contribuição gramsciana no âmbito da educação.

O segundo relato partiu da experiência de pesquisas em Gramsci na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus Três Lagoas* (UFMS/CPTL), no qual Matheus Daltoé Assis (Unesp/Marília; UFMS/CPTL) expôs sobre o modo como ocorreu, em dois distintos momentos, a apropriação do arcabouço gramsciano nos cursos de graduação e pós-graduação em geografia e pedagogia/educação. O primeiro ciclo iniciou-se em 2018, no seio do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço, Política e Ideologias - G-ESPI, coordenado pelo prof^o Dr. Thiago Araujo Santos (UFMS/CPTL), a partir da leitura

integral do volume terceiro dos *Cadernos do Cárcere*. A partir dessa reflexão, o grupo pôde apresentar trabalhos no *II Colóquio Internacional Antonio Gramsci (IGS-Brasil)*, realizado em Marília-SP, momento a partir do qual seus membros passaram a compor junto à IGS-Brasil. A segunda experiência abordada se referiu ao *Grupo de estudos: Estado, política e educação em Gramsci*, sediado no *GForP*, que estava, naquele momento, divulgando a previsão para o início das atividades do grupo de estudos. O grupo organizou a leitura de excertos dos *Cadernos* com vistas a discutir as concepções gramscianas de intelectuais e Estado para a compreensão das políticas públicas educacionais, prevendo a finalização desse primeiro ciclo com a palestra da Prof^a Dr^a Deise Rosálio Silva (UFMG), sobre *Gramsci e os intelectuais, dos orgânicos aos lorianos*. O grupo tem como público-alvo os professores da rede básica de ensino, para além dos estudantes de graduação e pós-graduação.

O terceiro relato da reunião, a cargo da Prof^a Dr^a Kátia Curado (UnB), representando o *GEPFAPe*, aconteceu de modo a evidenciar o foco de trabalho do grupo – a formação de professores –, a partir das lentes gramscianas. As diferentes pesquisas do grupo se desenvolvem por quatro categorias: a primeira é a categoria de *políticas*, onde os textos gramscianos auxiliam no entendimento das políticas públicas de formação inicial e continuada; dialeticamente essa categoria se imbrica com os debates acerca da segunda categoria que é a do *Estado Integral*, pois as políticas se constituem num estado estabelecido; as outras duas categorias das quais o grupo busca se aproximar é a *hegemonia e os intelectuais*, uma vez que pensar a formação de professores como uma possibilidade de construção do sujeito coletivo, do intelectual orgânico ligado à classe trabalhadora, perpassa pensar os professores como trabalhadores/trabalhadoras do campo da educação e de como esse sujeito-coletivo-intelectual pode constituir uma educação emancipadora, progressista, desinteressada e vinculada a uma escola unitária.

AVANÇANDO OS ESTUDOS GRAMSCIANOS: TRADUTIBILIDADE E O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA

A obra de Antonio Gramsci se destaca por sua relevância para a compreensão das dinâmicas de poder e hegemonia nas sociedades modernas. Seus conceitos, como Estado, hegemonia e bloco histórico, oferecem importantes formulações para analisar os mecanismos pelos quais as classes burguesas mantêm o controle social e para pensar possibilidades de resistência e transformação social. No entanto, os estudos gramscianos podem avançar em sua articulação com as realidades e experiências dos grupos subalternos, especialmente no que concerne à formação de intelectuais e ao papel dos grupos de pesquisa, por exemplo.

Para superar as dicotomias consequentes de um afastamento entre a universidade e outros campos de estudo dos territórios da base trabalhadora, é fundamental – a partir da epistemologia das práxis – reconhecer a importância do conhecimento dos grupos subalternos na construção de uma outra hegemonia. Uma “epistemologia do Sul” deve propor um novo paradigma científico que reconheça a diversidade de saberes e a

importância da participação dos grupos subalternos na produção do conhecimento, isto é, são necessárias aproximações traduzíveis como práxis reais (Santos, 2010, p. 36).

Sob essa perspectiva, a "tradutibilidade" transcende a mera transposição de palavras de uma língua para outra. Ela se configura como um diálogo intercultural profícuo, onde as concepções filosóficas, científicas e culturais se entrelaçam, tecendo um mosaico de significados. Como nos ensina Gramsci (2002, p. 146) em *Q. 10, § 44*: "língua significa também cultura e filosofia".

Na metodologia gramsciana de tradução, a busca por aproximações culturais se torna a pedra angular. Uma língua natural, em sua riqueza e fluidez, jamais se traduz com exatidão absoluta para outra. As nuances, as sutilezas e as idiossincrasias linguísticas exigem um processo meticuloso de adaptações, aproximações e ajustes. O objetivo final reside em garantir que a cultura receptora não apenas absorva o sentido literal, mas também abrace as dimensões simbólicas e interpretativas inerentes ao texto original.

Gramsci, em sua perspicácia, reconhece a profunda imbricação entre determinados termos e suas respectivas línguas naturais. No *Q. 26, § 11*, ele nos alerta para a impossibilidade de apreender plenamente o significado de termos como "*Risorgimento*" na Itália, "Renascimento" na França e "Reconquista" na linguagem militar, se os descontextualizarmos de seus universos culturais específicos.

Ao trilharmos o caminho da "tradutibilidade" gramsciana, nos engajamos em uma jornada de profunda imersão cultural, onde a compreensão autêntica do pensamento gramsciano se entrelaça com o respeito à diversidade e à riqueza dos saberes locais. Essa empreitada exige rigor metodológico, sensibilidade cultural e, acima de tudo, um compromisso inabalável com a construção de pontes entre diferentes realidades, abrindo caminho para uma práxis gramsciana genuinamente engajada com as lutas e aspirações dos grupos subalternos.

O conceito gramsciano de "tradutibilidade" se estende para além da mera transferência linguística, abrangendo um profundo processo de mediação cultural. Conforme salienta Bianchi (2020, p.20), a perspectiva da tradutibilidade, que "pressupõe um deslocamento cultural – e não apenas linguístico –, é também um ato atravessado por relações de força que condicionam não só o que é traduzido, mas também como e para que isso ocorre". Desse modo, a referida perspectiva pode auxiliar na elucidação do processo de recepção e assimilação, teórica e prática, nos distintos lugares e épocas.

Na Carta 333 à Júlia, esposa de Gramsci, datada de setembro de 1932, Gramsci explora as qualidades de um tradutor habilidoso, enfatizando a necessidade de transcender a tradução básica de prosa comercial ou jornalística (LdC, 333, p. 613). Um tradutor qualificado, segundo Gramsci, deve possuir a capacidade de não apenas traduzir palavras literalmente, mas também de transpor as lacunas conceituais entre distintas culturas nacionais.

A investigação de Gramsci sobre o nexos conceito-cultura-língua revela a tradutibilidade como objeto de estudo e um ato político que fomenta encontros e compreensão interculturais (*Q. 11, § 47*). Sem a correspondência precisa entre termos,

conceitos, expressões e concepções de uma língua estrangeira e da cultura-alvo, as perspectivas de sucesso da tradução diminuem. O árbitro final do sucesso de uma tradução reside na avaliação das classes e grupos sociais receptores, que vão deter a autoridade para determinar sua qualidade.

O intelectual sardo propõe sobre a tradutibilidade das formas de linguagem e, para tanto, remete à “linguagem político-jurídica na França e filosófica, doutrinária, teórica na Alemanha”, legando ao historiador integral o aviso que ainda assim “essa tradutibilidade, certamente, não é ‘perfeita’ em todos as particularidades”, afinal “que língua é exatamente traduzível em outra? Que palavra singular é exatamente traduzível em outra língua?” e consigna ao objetivo da reflexão que é “em seu fundo essencial” (Gramsci, 1975a, p. 1470, *Q. 11, § 48*).

Um exemplo de tradutibilidade presente no legado gramsciano pode ser visto no que se refere à tradução da frente única para as condições italianas, na qual Gramsci reconheceu a necessidade de ir além da mera transposição de palavras e fórmulas políticas ossificadas, buscando a compreensão profunda das culturas e contextos envolvidos. A experiência moscovita de Gramsci foi crucial para sua maturação política, levando-o à assimilação da frente única leniniana como tática de revolução. Essa tática, em sua essência, representava um encontro intercultural, uma ponte entre diferentes realidades sociais e políticas. Essa tradução exigiu um processo meticuloso de adaptação, aproximação e ajuste, garantindo que a mensagem original fosse preservada e adaptada à realidade italiana.

No cárcere, Gramsci aprofundou sua investigação da frente única, reconhecendo que a aliança operário-camponesa, embora crucial, não era suficiente para a revolução. Essa constatação o levou a buscar a unificação dos diversos grupos subalternos, expandindo o escopo da tradução para abarcar uma multiplicidade de vozes e perspectivas. A subalternidade, segundo Gramsci, não se limitava a um único grupo, mas sim englobava um conjunto heterogêneo de classes e setores sociais marginalizados.

Como afirma Joseph A. Buttigieg, no Dicionário Gramsciano, é inútil tentar formular uma definição precisa de “subalterno” ou de “grupo subalterno-classe social subalterna”, pois, segundo o autor, tal termo não constitui uma homogeneidade. Logo, “a categoria de ‘grupos subalternos-classes sociais subalternas’ compreende muitos outros componentes da sociedade, além da ‘classe operária’ ou do ‘proletariado’” (Buttigieg, 2017, p.827). Essa visão inclusiva exigiu uma tradução ainda mais complexa, buscando articular diferentes culturas e experiências dentro de um projeto político comum.

Qual a relação da temática da tradutibilidade com os grupos de pesquisa IGS-BR/Centro-Oeste? O debate/encontro com os grupos de pesquisa permite apontar para a necessidade da “tradução” das linguagens filosóficas e políticas particulares para a relação com a formação da classe subalterna, destacando que tal movimento é sustentada em face de pressupostos históricos específicos:

A tradutibilidade pressupõe que uma determinada fase da civilização tenha uma expressão cultural “fundamentalmente” idêntica, mesmo que a linguagem seja

historicamente diversa, diversidade determinada pela tradição particular de cada cultura nacional e de cada sistema filosófico, do predomínio de uma atividade intelectual ou prática etc. (Gramsci, 2011, p.185).

Entende-se que no esforço físico/mental das pesquisas e estudos pode-se compreender as expressões fundamentalmente similares, que mesmo em condições, opostas, antagônicas, com contextos históricos diversos e mesmo com linguagens de tradição diferente, formadas com base em atividades características e particulares a cada uma delas, essas sociedades (civilizações) são traduzíveis reciprocamente, redutíveis uma à outra, sendo que esta “tradutibilidade, por certo, não é “perfeita” em todos os detalhes, até mesmo importantes [...] mas o é em seu “fundo” essencial” (Gramsci, 2011, p.187).

A “tradutibilidade” possui, desta forma, um trabalho que dá unicidade aos grupos de pesquisa que abordam diferentes estudos e linguagens sobre o autor Gramsci, pois o estudo das linguagens filosóficas, político e histórica supõe a unidade, contraditória, uma síntese de complexos sociais cuja autonomia relativa não prescinde de síntese concreta. Podemos assim sintetizá-lo: numa mesma formação social emergem múltiplas e multiformes atividades e objetivações humanas (econômicas, políticas ou culturais) com especificidades e legalidades próprias, mas com um horizonte socioeconômico comum (em algum grau) com o qual é necessário interagir, e sob o qual se originam, viabilizando um nível de correspondência expresso na “tradutibilidade” recíproca de sociedades concretas.

Os grupos de pesquisa, embora com objetos diferentes, apresentarão como objetivo comum contribuir com o trabalho de socialização da vida, obra e pensamento do autor italiano – Antonio Gramsci – no meio acadêmico, político e cultural, de forma que a perspectiva teórico-prática do autor, possa ser referência nas análises do real. Os grupos presentes no evento, assim como o autor sardo, referenciam-se nos fundamentos do marxismo e assume o compromisso de fazer avançar o acesso ao seu legado e aos fundamentos do seu pensamento, especialmente no cenário da região Centro-Oeste, é claro, com suas especificidades.

Gramsci considerou fundamental que a classe subalterna sistematizasse criticamente sua concepção de mundo e que, partindo da história da filosofia, organizasse a forma como foi elaborado determinado pensamento e que forças atuassem para fixar o pensamento presente. A construção compartilhada do conhecimento e dos saberes técnicos da pesquisa podem ser apontadas como um fator na estruturação da organização, da conquista, da autonomia e da capacidade humana.

A busca pela realização dessas conquistas deve ser organizada na relação da estrutura – novas relações sociais de produção –, mas deve almejar uma nova forma de pensar, com valores diferenciados procurando estabelecer novas relações sociais e a construção democrática do conhecimento – superestrutura –, de forma que todos possam o ser intelectual, na perspectiva de dirigente.

Nesse sentido, a categoria da “tradutibilidade” perpassou a reunião dos grupos de pesquisa do Centro-Oeste que se comprometem com a tarefa fundamental para que a

filosofia da práxis se torne “histórica” (Gramsci, 2011, p.100), representando um esforço intelectual/físico de que a filosofia da práxis, seja teoria-prática no Brasil e na América-latina de hoje e do amanhã.

CONSIDERAÇÕES EM-SÍNTESE

Na perspectiva das atividades do grupo do Centro-Oeste que se referenciam em Gramsci, pode-se perceber uma diversidade na abordagem de pesquisa e estudos. Entretanto, apreendemos a dimensão da “tradutibilidade” como unidade nas atividades dos grupos, especificamente para que a “filosofia” se torne “vida”. Enquanto espaço formativo os grupos de pesquisa, são agentes históricos e quiçá formativos do coletivo de intelectuais orgânicos à classe trabalhadora e, portanto, possuem a função de “tradutores” teórico-práticos de uma concepção de mundo, ou seja, contêm em suas atividades a tarefa de traduzir a teoria (as “superestruturas”) para a prática, no enfrentamento teórico/político e militantes da estrutura.

É este trabalho de formação básica de pesquisadores, professores/as, enfim, dos sujeitos sociais, que pode ser elemento central nos grupos de pesquisa, ler, revelar e propor, constituindo-se como um espaço/momento para a tradutibilidade de um novo projeto societário. Gramsci não pode ser silenciado e nem colocado como “autor difícil de ler”, acadêmico e/ou “teórico”. É preciso fazer/refazer essa tradução para que sua força política por meio de uma “linguagem”, luta e um “novo homem” compartilhado e coletivo.

Esse foi o primeiro evento da IGS-BR/Centro-Oeste, mas virão os próximos e, na perspectiva gramsciana, é preciso nos organizarmos, instruímos e agitarmos como coletivos que estudam, pesquisam e militam por e com uma práxis social que se torne vida e vida emancipada moral e intelectualmente. Não temos e nem teremos todas as respostas na obra gramsciana, mas é o papel do nosso tempo, caminhar e avançar na tradutibilidade teórica e prática.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, A. Gramsci entre dois mundos: política e tradução. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GRAMSCI, A. Os Cadernos do Cárcere. Edição crítica do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GRAMSCI, A. Quaderni del carcere. V. 1.0. Turim: Einaudi, 1975a [Edição crítica do Instituto Gramsci, organizada por Valentino Gerratana; edição eletrônica aos cuidados da Internacional Gramsci Society]

GRAMSCI, A. Lettere del carcere 1926-1937. V. 1.0. Turim: Einaudi, 1975a [Edição crítica do Instituto Gramsci, organizada por Valentino Gerratana; edição eletrônica aos cuidados da Internacional Gramsci Society]

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia e a filosofia de Benedetto Croce. 5.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011. v.1.

BUTTIGIEG, J. Subalterno/subalternos. in: LIGUORI, G; VOZA, P. Dicionário Gramsciano. São Paulo: Boitempo, 2017.

SANTOS, B. S.Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. in: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

NOTAS

1. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2008). É professora Associada - DE da Universidade de Brasília - UnB no Departamento de Administração e Planejamento - PAD da Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação. katiacurado@unb.br - <https://orcid.org/0000-0002-9808-4577>

2. Doutorando em Educação pelo Universidade de Brasília. Mestre em Educação pelo Universidade de Brasília (2017). Professor na SEEDF - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. leonardo.bezerra@edu.se.df.gov.br - <https://orcid.org/0000-0001-9232-6777>

3. Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores (GForP) da UFMS-CPTL. Membro do Conselho Nacional da IGS-Brasil. Contato: m.daltoe.a@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9417-2561> .

Recebido em 7 de maio de 2024

Aceito em 7 de junho de 2024

Editado em junho de 2024